

EXPEDIENTE

COORDENADOR DO PROJETO: MICHELE DACAS E RENAN XAVIER

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA: DÉBORA COTA

IDEALIZADORA E EDITORA: MICHELE DACAS

BOLSISTAS: RAFAEL MAIER E VICENTE GIARDINA

DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÃO: ANITTA DELVALLE

REVISÃO PORTUGUÊS: JACQUELINE COUTO

REVISÃO ESPANHOL: SILVANA MAMANI

EQUIPE:

COLABORADORES:

ADOLFO DELVALLE

EVANDSON FIRMO

FRANCIELI REBELATTO

JANAINA DE JESUS LOPES SANTANA

JEFFERSON RODRIGUES DA COSTA

MAURÍCIO FERREIRA

MAURICIO SANTOS

SANDRA NARITA

ROMILDO MARQUES

APOIO:

GRUPO PET | CONEXÕES DE SABERES | UNILA

SECOM | SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

CURTADOC

EDITORIAL

Por mais clichê, entusiasta ou descrédito que possa ser o ano novo, ou pelo menos o início dele, é um tempo de transformação e renovação. Talvez não aquela mudança pregada por calendários, crendices ou alinhamento dos planetas, mas o despertar para que a vida encha-se de novidades através do nosso próprio movimento e vontade.

E é com essa visada que damos a nossa partida e publicamos a primeira edição de 2015. Repaginada com textos e imagens inquietas sobre as liberdades individuais e o processo de colonização do corpo na nossa A.L. Escrituras também empoderadas pelos turbantes feitos de panos e de consciência: a negra. Folheando nossa publicação você verá ainda repaginações que acampam nos arredores da montanha das sete cores ou sublimaram por histórias da cultura extraterrena.

Mas para além dessas incursões temos a mudança corporificada em novas parcerias. Quem vem com a gente em 2015 é o CurtaDoc uma organização dedicada ao documentário latino-americano e que trará a cada edição da revista uma coluna sobre os curtas que compõe o seu acervo. Com a gente ainda vai estar a Pró-Reitoria de Extensão e o espaço Universidade na Comunidade, uma editoria especial sobre a participação da UNILA na sociedade através de projetos culturais. As publicações em 2015 trarão também fotografias das séries exibidas em nossa fanpage: #CotidianoUNILA, #TerrasFronteiriças e #GentesdaFronteira.

MOVIMENTE-SE >>>>



ÍNDICE >>>

6

TURBANTES DE ANTES, DO PRESENTE E DO DEPOIS DE NÓS

8

O DOMÍNIO SOBRE O PRÓPRIO CORPO NAS SOCIEDADES MISCIGENADAS FUNDADAS SOB A VISÃO EUROCENTRISTA

10

AMÉRICA LATINA EM DOCUMENTÁRIO | DA CÂMERA ANTROPOFÁGICA

12

CAMINO DE LAS SIETE COLORES

14

UFOS EM FOZ

16

UNILA NA COMUNIDADE | A LA VUELTA DEL RÍO

#cotidianounila

Sob o mesmo céu - moradia universitária

Foto: Romildo Marques

Acompanhe nossa página: facebook.com/revistapeabiru

TURBANTES DE ANTES, DO PRESENTE E DO DEPOIS DE NÓS

O corpo social e meu corpo se estendem para além do que olhos leigos sobre negros enxergam. Exteriorizam-se de muitas formas e sem fôrmas. Minha consciência é negra, é de Exu à La Oxalá - E Ojalá! Minha consciência é negra e é envolvida em meu pano de cabeça. Panos, tantos panos de contos e contas dos fios, fios dos panos e panos de fibra - de homens e mulheres de pele preta, e preto é a cor do axé. Histórias muitas e moídas todas em meu pano, que é torcido em minha cabeça. Histórias que me apoderam moídas nas torcidas muitas de minha cabeça. Pano das costas e cabeça, não pano outro - Meus panos empoderam meu Ori.

Mas, não estico mais a conversa - meu cabelo é uma coroa e o horror é seu preconceito. Os estupros e mutilações de várias gerações nos dão filhos - profundas linhas - cicatrizes em nossos corpos - profundas linhas tortas que, hoje, escrevemos certo por linhas erradas e sem um Deus de cruz e ferro! Essa bênção de logomarca que nos marcou em carne, vida e até na morte. Cuspo três vezes. O movimento de amarrar esse pano junto a mim, todos os dias, é o mesmo movimento de autocoroamento ao meu Ori - Eu mesma me empodero. Amarro junto a mim o



pano e a pena de vidas e histórias de um Brasil que construí e não apareci, mas que vive em mim. Meu pano, minha cabeça, minha consciência negra estendem-se e exteriorizam-se – Contemporaneamente, no meu pano na cabeça.

Mas, muda, gente, muda. Ainda não é o bastante. Dandara ainda está morta. Mas somos todos filhos dessa luta constante que só ira terminar quando o último irmão meu estiver de mãos dadas comigo num passo incessante. Indo ao encontro da igualdade, do respeito. Nas minhas danças, meus cantos e meus conhecimentos que há tanto tempo foram retirados e apropriados. Acreditamos sim num Deus que dance, num pano que protege meu Ori, minha sabedoria, tudo de bom que a natureza possa nos dar vindo das hamunhas fortes de nossos Orixás. Essas palavras são território negro, o negro está onde a consciência está – Meu corpo é território negro e torna-se território negro onde eu estiver. Vem de nós – Ouça: Não é turbante de antes, é turbante do presente e do depois de nós.

*Texto: Janaina de Jesus Lopes Santana e Mauricio Santos
Estudantes de Antropologia | UNILA*

*Fotos: Evandson Firmo
Estudante de Antropologia | UNILA*

O domínio sobre o próprio corpo nas sociedades miscigenadas fundadas sob a visão eurocentrista

É proibido passear, aos domingos, com um sorvete de casquinha na bolsa. É proibido amarrar uma girafa a um poste de luz. É proibido comer num lugar que esteja pegando fogo. É proibido cantar no chuveiro. É proibido dormir num congelador. O sexo oral é considerado um crime contra a natureza. Uma pessoa deve possuir, ao menos, duas vacas para poder usar botas de *cowboy* em público. As mulheres não podem usar sapatos de couro que permitam, aos homens, ver as suas roupas íntimas através do reflexo.

Essas frases tão bizarras chegam a ser cômicas, porém elas tratam de leis estaduais reais dos Estados Unidos. Algumas são redundantes, outras simplesmente engraçadas. Ainda temos as pedantes e dignas de serem quebradas. Afinal, quem nos impôs regras tão questionáveis? Existe sincretismo político na construção das leis pós-independência das nações do continente americano ou elas são puramente eurocentristas?

Os países americanos foram fundados sob o olhar do colonizador europeu, sendo ele mesmo o contador de nossas histórias. Por outro lado, existiam, na época da invasão, habitantes nativos na região que ficou conhecida como América, em homenagem a um também colonizador. Ainda na América, africanos foram trazidos, sem escolha, para trabalhar nessas terras,

sempre sendo subjugados pelo escravizador. Tanto os nativos quanto os africanos são parte fundamental para a construção das sociedades americanas, dois dos três pilares que sustentam a nossa narrativa. Seus costumes, porém, não foram levados em conta nas composições das leis que nos governam, fazendo com que os seus hábitos fossem cultivados puramente por seus cidadãos, através da cultura, da arte e da resistência coletiva, sem apoio do Estado. Estado esse que se mostrou, muitas vezes, interessado em destruí-los, como na época das ditaduras na América Latina.

Nos dias atuais, casos como “os peladões de Porto Alegre” nos levam a uma discussão mais profunda sobre o tema do direito sobre o próprio corpo, que se mostra mais relevante quando falamos sobre o corpo feminino, que é visto como uma propriedade do Estado, do companheiro e da Igreja.

O certame começou quando uma gaúcha resolveu fazer seu cooper diário de uma maneira incomum, inteiramente nua. Logo, o conservadorismo brasileiro manifestou-se através de cidadãos que apareceram jogando “pedras na Geni”. “Como pode uma mulher sair nua pelas ruas?”, indagavam alguns. “Mulher tem que se dar ao respeito.”, alegavam outros. “Desse jeito tá pedindo pra ser estuprada!”, muitos ainda gritavam.

Afinal, o que há de tão agressivo e perturbador em relação aos corpos nus? Para algumas tribos nativas indígenas e para muitos dos africanos que foram escravizados em nossas terras, nada, absolutamente nada. Para algumas culturas, os corpos nus vivem em melhor comunhão com a natureza que os cerca,



mas esses povos dificilmente têm voz nas terras em que o homem-branco-cristão de 500 anos atrás continua sendo o exemplo a ser seguido. Em 1500, quando Cabral pisou em terras pindoramas designação *tupi* para a região que hoje é conhecida como Brasil –, os nativos viviam com seus corpos expostos aos olhos de seus deuses e foram tratados com brutal repressão pelo colonizador que chegava e os expulsava, aprisionava e dizimava. Vestiram-lhes de vergonhas, cruces, dogmas e pecados. Desde então, parece que não foi muito o que mudou. Ainda somos parte dos indígenas que desde a



invasão tiveram os direitos à terra negados e parte dos negros que são executados, sumariamente, pelo poder policial. A colonização nos constituiu de heranças culturais, genéticas e estruturais vistas como superiores às nativas e africanas.

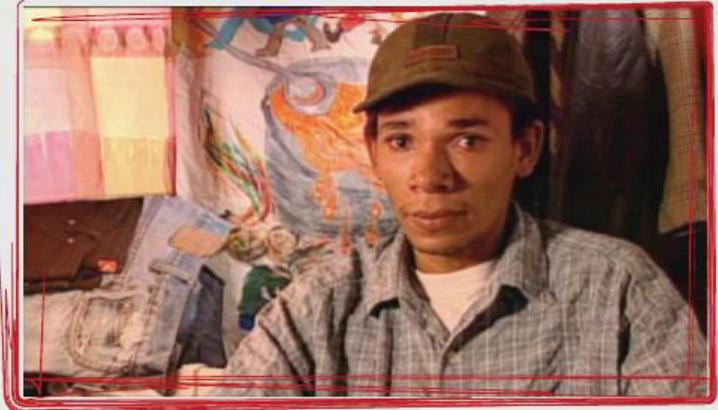
Assim, séguimos sendo os indígenas e negros que lutam para conseguir um pedaço de terra, postos de trabalho e vagas nas universidades, em uma sociedade amplamente racista, que, injustamente, exclui as minorias para manter, até mesmo, a liberdade nas mãos de pessoas, historicamente, privilegiadas.

Esses corredores nus demonstram em seus atos não apenas um grito de liberdade. Eles reivindicam o direito de existir de todos os corpos e exploram a ancestralidade presente em cada coração *afro-luso-tupi*.

Texto e Ilustração
Jefferson Rodrigues da Costa

DA CÂMERA ANTROPOFÁGICA

Diz um autor desconhecido: “Você faz poesia com a minha miséria, você ganha o pão, eu não”. À Margem da Imagem (2001), curta-metragem de Evaldo Mocarzel, aponta justamente para essa premissa. Aponta para a exploração midiática da desigualdade através da imagem que acaba criando uma espécie de estética da miséria, que mantém o retratado à margem, enquanto estampa de telejornais e ensaios fotográficos. O trunfo do filme em questão é que quem reivindica essa representação são os próprios moradores de rua da cidade de São Paulo.

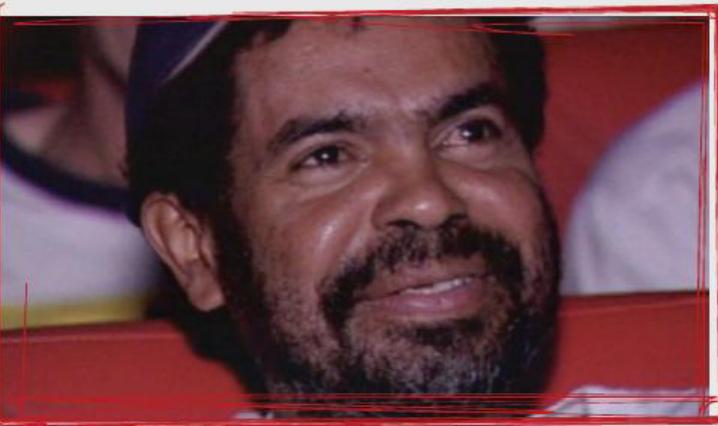


Sabemos que há várias maneiras de se elaborar um documentário: com imagens de arquivos, com profundas pesquisas, com narradores eloquentes em voz over que conduzem a narrativa, porém a construção desse documentário se dá de maneira oposta. A voz latente é composta de narrativas dos próprios moradores de rua comentando suas lutas de sobrevivência no dia a dia. O formato do filme é simples: a câmera de Mocarzel apenas observa suas indignações por serem tratados como doentes, ou ainda por serem parcialmente ignorados, lembrados apenas quando é preciso tirar fotografias ou dar entrevistas. Segundo os entrevistados, certo dia sobrou até para o Sebastião Salgado, no caso, proibido por eles de tirar fotos do local: “moradores de rua tomando sopa debaixo de um viaduto”.





Na parte final do filme somos conduzidos a uma autorreflexão da construção do próprio documentário: os moradores de rua entrevistados agora assistem o filme em uma sala de cinema e novamente dão seus depoimentos acerca do trabalho realizado, sobre o que “faltou mostrar uma pessoa apertando a campainha de uma casa e sendo ignorada ao pedir um prato de comida, para poder ser um filme verdadeiro, isso o diretor esqueceu”, afirma o entrevistado. É intrigante pensar que o diretor não fez uma terceira edição com as respectivas sugestões, ao contrário, ao não fazê-la instiga ainda mais a crítica à exploração da imagem. Não é preciso



plastificar ou forçar a situação da miséria, a própria palavra dos moradores e a veracidade com a qual é dita já é suficiente para que possamos entender este cenário através da interlocução entre a câmera e os personagens. A princípio, a busca pela realização do filme é a própria contradição de seu tema, mas a partir de um olhar mais atento percebemos que este é justamente o ponto alicerçado pelo diretor: a imagem é assumidamente antropofágica.



À Margem da Imagem é um dos primeiros curtas de Mocarzel e o coloca como um importante documentarista em potencial. A partir de então o diretor segue com temáticas ligadas a questões urbanas, tais como À Margem do Lixo, À Margem do Concreto, entre outros.

Texto: Maurício Ferreira
Estudante de Cinema e Audiovisual | UNILA

curta **DOC**

Assista ao filme no portal curtadoc.tv



CAMINO DE LOS SIETE COLORES

Por Fran Rebelatto



Os caminhos latino-americanos enchem nossos olhares de contrastes. Entre os desenhos das paisagens, os encontros com as gentes e o *habitus* expresso nas casas, nas roupas, nos traços. Na companhia da imprevisibilidade do tempo, seguimos entre a chuva e o sol, o frio e o calor.

Em Purmamarca, a cor dos morros se confunde no vazio entre um visitante e outro. Poucas gentes por ali. Há mais vento e distâncias entre as cores e os cactos solitários.

No pequeno povoado, na província de Jujuy, na Argentina, as casas escondem as *llamas* e são encobertas pelo Cerro de Siete Colores.

UFOs em Foz

Narrativas de filmes ou lendas sobre vidas extraterrestres deixam roteiros ficcionais para ganhar vida em um tom mais documental. Histórias de abdução, avistamentos de objetos não identificados, estudos científicos e documentos militares têm jogado luzes sobre um longa-metragem que remonta, inclusive, à origem do homem na Terra. De onde viemos? Quem são os deuses vindos do céu, citados por antigas civilizações como os incas e maias?

A chave das respostas está nos seres extraterrestres, segundo ufólogos ou aqueles que já tiveram contato com os chamados ETs. Esse grupo tem escrito livros, contado experiências, acessado arquivos militares, estudado áreas diversas do conhecimento, para entender o **fenômeno UFO**. Alguns desses especialistas estiveram em Foz do Iguaçu, em novembro de 2014, para a terceira edição do UFOZ. Eles contaram versões a respeito da história da humanidade e trocaram experiências sobre contatos alienígenas - fora de um *script* mais conhecido.

Em cena, novos personagens. Para eles, alienígenas visitaram a Terra há milhões de anos, logo após a solidificação da crosta terrestre. Trabalharam para criar aqui condições favoráveis à vida humana.

As algas azuis (cianofícias), primeiras formas de vida no planeta, teriam sido implantadas para gerar nosso oxigênio. Também foram obras dos extraterrestres a vida ancestral, que passou por processo de melhoramento genético e evoluções. Dessa forma, seríamos descendentes de grupos extraplanetários. A versão bem resumida é contada por Marco Petit, um dos mais conhecidos ufólogos brasileiros. É baseada em estudos paleontológicos, antropológicos e arqueológicos considerando diversos elos perdidos e saltos evolutivos das espécies. Além disso, têm como base relatos de pessoas abduzidas, convergentes com sua teoria. Petit defende mais: esses seres extraterrestres convivem com o humano em áreas submarinas. É a explicação, portanto, para os avistamentos dos UFOs emergindo dos mares do mundo. Relatos esses que somam-se a outros, que contam sobre objetos voadores. A história



desse UFOs vindos do alto está descrita em imagens e relatos sobre deuses iluminados, que vieram do céu. Na América Latina, há um farto material com indícios de contatos entre civilizações antigas e seres extraterrestres. Conhecimentos mais avançados sobre astronomia, matemática e engenharia, materializados em construções, desenhos e lendas que se espalham pela América Latina. Pirâmides, no México, e as linhas de Nazca, no Peru, são algumas referências das mais conhecidas. No Brasil, o pesquisador Antonio Jorge Thor lembra de um caso menos conhecido - os símbolos desenhados por indígenas, no Norte. Representações dos caiapós com referência a Bep-Kororoti - guerreiro que veio do espaço - mostram vestimentas semelhantes a de um astronauta. Desenhos dos marajoaras trazem símbolos de energia (quantum energético) e de naves espaciais.

Antonio Jorge conta, também, a sua história de abdução. Recorda apenas de ter olhado para o céu da Amazônia, visto uma nave com muitas cores e ter sido levado até ela. Outro relato é feito pela médica e médium Mônica Medeiros. Aos 5 anos, Mônica lembra que foi abduzida pela primeira vez - tanto por meio do corpo físico, como em projeção astral. Até os 13 anos, repetiu-se o fato constantemente. Por meio de hipnose regressiva, confirmou suas lembranças de ter estado numa nave e ter deitado numa mesa metálica. Mesmo sem nada que a segurasse, não conseguia mover-se. E, ainda, espetaram nela agulhas. Recorda, também, que sentiu medo e teve a sensação de que iria morrer.

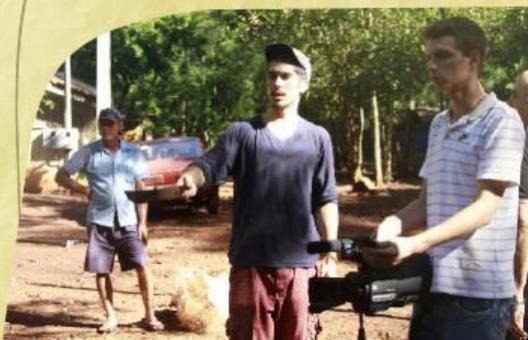
E por que disso tudo? Mônica explica que a abdução é por conta do DNA. "Eles - os ETs - estão estudando nosso material genético e preparando a nova raça humana", disse. **Por que eles não fazem contato mais claramente?** "Uma explicação é que ainda não estamos preparados para isso".

Por Sandra Narita | jornalista | UNILA
Ilustração: Rafael Maier
Agradecimento: Revista UFO

A la Vuelta del Río



A la vuelta de la esquina, del mes, del río...
A la vuelta que cada curva nos brinda, vamos
deslizándonos por nuevas voces y personajes,
con otros ritmos, con otros sabores y colores. Con el
proyecto de extensión universitaria el *Cinema Na Curva do Rio*
estamos preparándonos para las nuevas aventuras que nos esperan
en 2015. Las maletas ya están casi listas para viajar de nuevo por
nuestra colorida y única región del Paraná. Como integrantes del
proyecto de extensión denominado *Cinema Na Curva do Rio*,
este año nos estamos preparando física y emocionalmente
para las nuevas e intensas experiencias que se vienen, y así
retomar nuestro camino por las varias ciudades de la Cuenca
del Paraná 3.



Texto: Adolfo Delvalle | Bolsista Cinema na Curva do Rio
Columna de la Pró-Rectoría de Extensión | UNILA

El año pasado compartimos un poquito de saberes sobre algunos aspectos de aquello que nos apasiona tanto: el Cine y Audiovisual. Sin lugar a dudas, cada uno de los participantes nos ha brindado y mostrado la esencia no sólo de sus ciudades, sino de cada comunidad que se integra y dialoga en un juego visual de rescate de las memorias. Este año no será muy distinto, pues la fuerza con la que estamos creciendo nos empuja a forzar nuevos caminos imaginarios que nos unen más allá de los kilómetros, de la cantidad de tierra roja en nuestros zapatos o de los rayos de sol recibidos.

Deslumbrados por la red de gestores culturales hilada a lo largo de este tiempo, vemos cómo se sigue practicando contagiosas ganas de trabajar en conjunto por parte de los que podríamos llamarnos 'aprendices' del proyecto, y a la vez amigos. Con distintas y curiosas ganas de continuar aprendiendo, vamos logrando expresar cada una de nuestras manifestaciones a través de un carácter colectivo sensible, artístico y audiovisual.

Reflejo propio

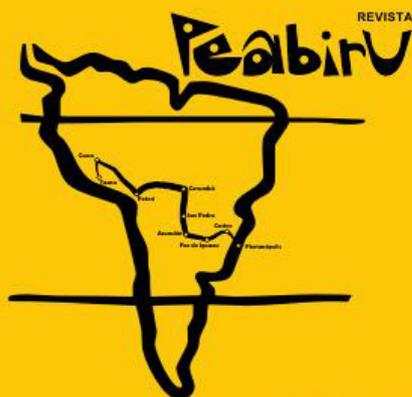
Un espejo de letras, colores y sensaciones. Es de esta manera que nacen las historias de Cinema Na Curva do Rio. Durante los tres días que dedicamos a nuestras charlas y ejercicios de teatro-expresión corporal, edición, sonido y creación de un guion, vamos ingresando a un mundo de diálogo, de talentos e intuiciones, pues todo aquello que se logra realizar en tan sólo tres días, es motivado por un gran placer a jugar creando y recreando, sin miedo a perder o ganar, sino más bien a sentir.

El alma nos guía y el cine nos sirve de Asiento del Alma, como el título del libro de Gary Zukav, quien menciona que "cada persona tiene un alma, pero una personalidad que está limitada en su percepción a los cinco sentidos no es consciente de su alma, y por tanto, no puede reconocer sus influencias. Sin embargo, cuando la personalidad se hace multisensorial, sus intuiciones se convierten en algo importante para ella. Siente cosas acerca de si misma, de los demás y de las situaciones en las cuales se encuentra, que no puede justificar sobre la base de la información que sus sentidos le pueden proporcionar. Llega a reconocer las intenciones y a responder ante ellas en lugar de ante las acciones y las palabras con las que se encuentra. Puede reconocer un corazón cálido por debajo de unos modales ásperos...". Es así que nos sumergimos a esta fluida y cristalina corriente de historias.

Desafíos por vivir

En Cinema Na Curva do Rio estamos dispuestos a seguir compartiendo pedacitos de nuestro ser en pro de la reconstrucción de distintas visiones de cada cultura y del conocimiento regional. Tenemos un gran desafío, que es el de vivir la diversidad en conjunto e individualmente, intentando a cada paso continuar dejando huellas de integración ancestral y reciente. La comunicación en red está a nuestro favor, al mismo tiempo que nuestras energías siguen volcadas a aprender desaprendiendo, mirándonos a través de nuestro único y diverso iris audiovisual.





O PROJETO

A Revista Peabiru é um projeto de extensão da UNILA que conta com a colaboração de professores e alunos de diferentes áreas do conhecimento da universidade e da comunidade. O projeto surgiu com a ideia de produzir

uma revista colaborativa para dialogar com o contexto latino-americano e da Fronteira Trinacional (Foz do Iguaçu, Argentina e Paraguai). A revista tem o objetivo de contribuir para a integração das diferentes culturas manifestadas pela pluralidade de vozes que ecoam através dos territórios e das gentes da América Latina.

CONTATO:

revista.peabiru@unila.edu.br

unila.edu.br/revistapeabiru



ISSN 2358-4831

